

EP 10 – FABRÍCIO CARPINEJAR

Eu acredito que Fernando Pessoa, “Álvaro de Campos”, foi onde eu aprendi a ser cínico. Até o momento eu era crédulo, e eu vi a possibilidade de falar aquilo que a gente sente de um modo enviesado. Então, “Tabacaria”, aquela mortacidade, aquela crítica social, poder dizer que estava farto de semideuses, que não tinha amigos que erravam, de colocar cenas coloquiais, cenas do cotidiano, com pensamento explosivo. Eu gostei muito dessa combinação do “Álvaro de Campos”, do Fernando Pessoa, que é a capacidade de pensar alto a partir do raso, do rés do chão.

-

Lembro de poemas até hoje de cor: “O que sei eu do que serei, se não sei o que sou, ser o que penso, eu penso ser tanta coisa, que não pode haver tantos. Gênio, nesse momento, cem mil cérebros concebem em sonhos gênios como eu, e a história não marcará nenhum, nem haverá estrume de tantas conquistas futuras. Não, não crê em mim, enquanto os manicômios, há doidos malucos com tantas certezas. E eu? E eu? Que não tenho nenhuma certeza? Sou mais certo, ou menos certo? ”

Então é uma poesia que tem o embalo do pensamento, ela é ao mesmo tempo vigorosa, ela é discursiva, e tu pode reclamá-la mais do que declamá-la.

-

É difícil encontrar um colecionador de borboletas, né? É muito mais difícil um colecionador de borboletas vivas. Eu acho que poeta é esse colecionador de borboletas vivas, ele acaba se satisfazendo com a fugacidade, ele não quer nada importante, ele torna o insignificante importante.